

Nísia Floresta e a educação feminina no Brasil (Século XIX)

Allcydet Andreza Pereira Jotaⁱ 

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, Brasil

Olivia Morais de Medeiros Netaⁱⁱ 

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, Brasil

Aliny Dayany Pereira de Medeirosⁱⁱⁱ 

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, Brasil

1

Resumo

A norte-rio-grandense Dionísia Gonçalves Pinto, mais conhecida por Nísia Floresta, é grafada na historiografia pelas ações à educação feminina no Brasil do século XIX. Neste contexto, a educação escolar destinada às mulheres era privilégio de uma pequena parcela das mulheres, ou seja, as que eram oriundas de famílias abastadas. Considerando que Nísia Floresta, neste período, escreveu livros, artigos para jornais e fundou um Colégio para meninas no Rio de Janeiro, o Colégio Augusto, objetivamos discutir a atuação e as ideias de Nísia Floresta à educação feminina no Brasil. Por tal, este estudo insere-se na interface da história da educação e história das mulheres. Jornais, impressos pedagógicos, escritos de Nísia Floresta e leis se constituem enquanto fonte de pesquisa. O Colégio Augusto tinha como propósito equiparar a educação de meninos e meninas, sendo esta uma das ideias recorrentes nos escritos de Nísia Floresta. Deste modo, conhecer esta intelectual é conhecer como se deu a história da educação feminina no Brasil e as lutas travadas para que as mulheres tivessem acesso à esta.

Palavras-chave: Educação feminina. História das mulheres. Nísia Floresta.

Nísia Floresta and the female education in Brazil (19th Century)

Abstract

The norte-riograndense, Dionísia Gonçalves Pinto, known as Nísia Floresta, it's written in historiography by her actions toward the female education in Brazil, during the 19th Century. In this context, the school education for women was a privilege for a small part of the women, in other words, the ones who came from wealthy families. Considering that Nísia Floresta, in this period, wrote books, articles for newspapers and founded a school for girls in Rio de Janeiro, called the Augusto School, therefore we aim to discuss the acting and ideas of Nísia Floresta toward the female education in Brazil. Thus, this study is inserted in the interface of the history of education and history of women. Newspapers, pedagogical prints, writings and laws, constitutes the research source. The Augusto School had as its flag to equate the education of boys and girls, which is the recurring ideia in Nísia Floresta's writing. Therefore, to know this intellectual it's to know how it happened the history of female education in Brazil and the battles fought so that women could have access to it.

Keywords: Female Education. History of Women. Nísia Floresta.

1 Introdução

2

Ao discutirmos a trajetória de vida e as ideias de Nísia Floresta não estamos apenas sistematizando mais uma biografia sua, o que, diga-se de passagem, já seria de grande relevância. Mas, nosso anseio é contribuir para compor mais uma página da história da educação feminina no Brasil, apresentando como as ideias daquela mulher, em pleno oitocentos, contribuíram para pensar uma nova forma de educar mulheres, as colocando em igualdade diante da educação oferecida aos homens naquele contexto.

Assim, este trabalho está inserido no campo da História da Educação e da História das Mulheres, seguindo o crescimento de publicações nestas duas áreas. Até a primeira metade do século XX, seria pouco provável que encontrássemos obras voltadas à História das mulheres. No entanto, as mudanças historiográficas desenvolvidas nas últimas décadas daquele século alargaram o campo de atuação dos historiadores e historiadoras, fazendo com que cada vez mais tenhamos publicações nessa direção.

Internacionalmente, tiveram, e ainda têm, grande repercussão obras como as de Michele Perrot (2017), que incluem as mulheres como um dos grupos “excluídos” da História, ao lado de trabalhadores e prisioneiros, sujeitos que não compunham a História oficial, notadamente política (que considerava principalmente líderes estatais e seus supostos “grandes feitos”), até o início do século passado. Esses invisíveis passaram, pouco a pouco, a ganhar nome, voz e vez na escrita histórica durante os últimos anos do século XX e até nossos dias.

No Brasil, temos grupos de trabalho também atuando nessa direção com obras editoriais importantes. Caberiam aqui ser citados vários nomes, mas podemos exemplificar o sucesso das produções voltadas à História das mulheres a partir de autoras como: Mary Del Priore (2018), Carla Pinsky e Joana Maria Pedro (2012). Embora muitas outras pudessem ser citadas, destacamos essas historiadoras por terem desenvolvido produções históricas que vão além do restrito público acadêmico e tornaram-se também sucesso de vendas, o que sinaliza para o possível consumo do público geral. Isso demonstra que há cada vez mais necessidade de escrevermos

sobre e para as mulheres, tanto em produções voltadas à academia, como em propostas que se aproximam de uma História Pública, assegurando um retorno social.

Diante de tudo isso, este trabalho, ainda inicial, pretende colaborar para o alargamento das discussões sobre ideias produzidas, divulgadas e aplicadas por uma mulher, ainda no século XIX, e assim contribuir para pensarmos a educação feminina no Brasil e a história das mulheres. Considerando que Nísia Floresta, neste período, escreveu livros, artigos para jornais e fundou um Colégio para meninas no Rio de Janeiro, o Colégio Augusto, objetivamos discutir a atuação e as ideias de Nísia Floresta à educação feminina no Brasil.

Para a elaboração desta proposta, procedemos à uma revisão bibliográfica e à análise documental. Esta última fez uso de documentos diversos, tais como: livros de Nísia Floresta, notícias em jornais, poemas publicados à época, dentre outros, todos acessíveis em formato digital. Em cada documento, buscamos identificar os traços das ideias de Nísia Floresta, procedendo à leitura, análise de trechos e cruzamento com outras fontes. A partir desses procedimentos, organizamos dois itens, um voltado à trajetória de vida de Nísia Floresta e outro que discute especificamente algumas de suas ideias e sua incorporação no Colégio Augusto.

2 Breve trajetória de vida de Nísia Floresta

Dionísia Gonçalves Pinto, nascida na aldeia de Papari, localizada na Capitania do Rio Grande do Norte, no dia 12 de outubro de 1810, foi das primeiras brasileiras a defender abertamente, através de artigos para jornais, livros e lecionando, o direito das mulheres brasileiras à uma educação equiparada a dos homens. De acordo com Constância Duarte (2010), em seu livro Nísia Floresta, em um tempo onde o ditado popular sobre as mulheres dizia “o melhor livro é a almofada e o batidos”, Nísia rompe todas as barreiras sociais. Estas, por sua vez, incluía preconceitos tão profundos e solidificados, no tocante dos direitos sociais femininos, que poderia ser comparado a fundação de um arranha céus. Essas barreiras sociais não impediam só o acesso das mulheres à educação, mas

também, por muitas vezes, direitos a escolhas básicas, como escolher o que vestir, onde ir, o que comer, com quem casar. Dito isso, fica fácil entender que, para aquela época, uma mulher que falava, escrevia e publicava matérias sobre os direitos das mulheres, era um feito sem precedentes e dos mais destemidos.

Para entender essa mulher, que foi capaz de tamanhos feitos, devemos primeiro entender qual contexto que ela nasceu e foi criada. Filha de pai português, Dionísio Gonçalves Pinto Lisboa, advogado que, segundo consta, era um homem de ideias avançadas para sua época no que tange o entendimento da atuação da mulher na sociedade. Prova disso, é o fato de sua filha Dionísia ter se casado, algumas literaturas dizem que por amor e outras falam de arranjos familiares, comuns naquela época, e meses depois decidir se separar e voltar para a casa paterna, onde foi acolhida de braços abertos. Nesta época, no ano de 1823, Dionísia tinha 13 anos de idade. Sua mãe, Antônia Clara Freire, pertencia à alta sociedade da então Capitania do RN, o que pode ter rendido a esta o acesso à educação, mesmo que de forma mais superficial. Assim assevera Constância Lima Duarte:

O pai era um advogado português ali chegado desde o primeiros anos do século XIX, tido como homem de boas letras e ideias liberais. Também permaneceu na memória popular sua fama de exímio ceramista, atestada pela estatueta de uma índia sustentando na cabeça a pia batismal, existente na Igreja de Papari. Como o senhor Dionísio chegou a essa povoação perdida no Nordeste brasileiro não se sabe. O fato é que ali ele conheceu e desposou uma jovem viúva, nascida no Rio Grande do Norte, em 13 de junho de 1780, filha do Capitão-mor Bento Freire do Revorêdo e Mônica da Rocha Bezerra, casal que está nas origens das principais famílias da região. (DUARTE, 2019, p. 16).

Neste contexto é que, até então Dionísia, foi criada e recebeu as primeiras orientações escolares. Há também registros sobre sua permanência e vivência em Goiânia, cidade que fazia parte da Capitania de Pernambuco. Essa cidade, mesmo pertencendo ao interior da Capitania, era um lugar onde as artes e ideias liberais estavam bem difundidas e aceitas. Lá havia uma “rica biblioteca” no que concerne a acervos literários, pertencente às Carmelitas, e instalada na região desde o século XVII, conforme escreve Duarte.

E era nesse espaço que as jovens de famílias abastadas tinham oportunidade de se iniciar nos estudos clássicos, nas línguas europeias, nos trabalhos manuais e no canto. A pergunta é inevitável: teria Nísia Floresta,

nos anos em que aí residiu, usufruído de tais regalias? Provavelmente sim. (Duarte, 2019, p. 21).

E foi nesse lugar que Nísia Floresta viveu e foi educada por dois anos, devendo isso ter tido um grande peso na sua percepção de mundo e lugar de ocupação feminina.

5 Após esses dois anos longe de seu lugar de nascimento, Dionísia volta para Floresta, nome do Sítio onde a mesma nasceu e residiu durante sua permanência no RN, mas dois fatores foram decisivos para a mudança da família definitivamente a Recife. O primeiro era a situação de insegurança vivida pelos portugueses, pois os mesmos não eram bem vindos naquela localidade, fato este impulsionado pela revolta de parte da população contra a Coroa. Em segundo lugar, o casamento da filha de Dionísio, que como já foi relatado, não foi bem sucedido, o que pode ter gerado uma perseguição do ex-marido de sua filha à ela, o que só piorava a segurança de todos naquele local. Assim, a família transfere-se, em 1824, definitivamente para Pernambuco, primeiro residindo em Goiânia, novamente, e depois fixando-se em Recife, onde o pai de Dionísia começa a advogar para os mais pobres, e, conforme relata sua filha, este foi o motivo do falecimento de seu pai, morto em uma emboscada nas proximidades de Recife, no dia 17 de agosto de 1828, Dionísia já contava com 17 anos, quando da morte de seu pai. Esse ano também deve ter sido o seu casamento com Manoel Augusto de Faria Rocha, estudante de direito.

É esse o contexto em que a filha de Dionísio e Antonia, casada e com filhos, começa a escrever, primeiro para jornais. Este ano, mais precisamente, foi o de 1831, no jornal Espelho das Brasileiras.

Um ano após, em 1832, lança seu primeiro livro, Direitos das mulheres e injustiça dos homens, que, é caracterizado como uma tradução livre de de *Vindication of the rights of woman*, de Mary Wollstonecraft, publicado em Londres, em 1792, em resposta à Declaração Universal dos Direitos do Homem. (CAMPOI, 2011)¹.

¹ Para mais, consultar CAMPOI, Isabela Candeloro. O livro “Direito das mulheres e injustiça dos homens” de Nísia Floresta: Literatura, mulheres e o Brasil do século XIX. História, v.30, n. 2, p. 196-213, 2011.

Neste momento, Dinísia já assina a obra com seu novo novo nome: Nísia Floresta Brasileira Augusta. Segundo Duarte (2019), em seu livro *Nísia Floresta Presente*, a escolha do pseudônimo foi escolhido por representar: Nísia, diminutivo de Dionísia; Floresta, para ter consigo o local de sua origem; Brasileira, como afirmação do sentimento nativista; e, Augusta, numa evidente homenagem de afeto e fidelidade ao companheiro Manuel Augusto.

6

3. A abertura do Colégio Augusto e as principais ideias de Nísia Floresta sobre educação feminina

Sobre a escrita de Nísia Floresta, Constância Lima Duarte nos afirma que:

Em cada novo livro, veremos, praticamente ela se reinventa, alterando a própria assinatura e o modo de se identificar. Desde o uso das iniciais N. F. B. A em diversas combinações, como B. A., F. B. A.; N. F. B. Augusta; até Uma Brasileira; Floresta Brasileira Augusta; Brasileira Augusta; Mme. Floresta A. Brasileira; Mme. Brasileira; Mme. Brasileira Augusta; Une Brèsilienne; e Telesila. (Duarte, 2019, p. 35).

A família de Nísia não permaneceu em Recife, se mudando para Porto Alegre, ainda naquele ano. Nesta cidade, Floresta se inseriu no mundo do magistério, formando-se e tornando-se diretora de um Colégio no Rio Grande do Sul, onde também escreveu diversos artigos para jornais locais e cultivou grande amizade com Anita Garibaldi, conforme escreve Castro e col. (2010). Sobre a formação de Floresta, Duarte nos conta que:

No livro *Nos tempos da velha escola*, de Kraemer Neto, entre dezenas de nomes masculinos estão registrados também os das primeiras professoras e diretoras de escolas no Rio Grande do Sul, como Nísia Floresta Brasileira Augusta e Luciana de Abreu, esta, considerada a primeira mulher gaúcha a expor publicamente suas ideias sobre emancipação. (Duarte, 2019, p.42).

Analisando este escrito, constatamos que a atuação profissional, neste caso a docência, era privilégio quase exclusiva dos homens, sendo as poucas mulheres, que conseguiram se formar e chegaram a exercer suas atividades profissionais,

propulsoras do direito à educação e atuação nesta. O que faz de Nísia uma ativista das causas das femininas, atuando como uma das primeiras mulheres no Brasil, de que se tem registro, a reivindicar esses direitos.

Ainda em Porto Alegre, Nísia Floresta perdeu seu marido, em circunstâncias ainda não muito claras, mas de forma abrupta, deixando-a com seus filhos pequenos, mãe e irmã. Associado ao fato de Nísia ter se tornado a provedora da família, o clima crescente de insegurança vivido em Porto Alegre, ocasionado pela Revolução Farroupilha, fizeram com que ela decidisse sair do Rio Grande do Sul. Assim, ela optou por se mudar para a Corte, situada no Rio de Janeiro, onde decidiu inaugurar seu colégio, colocando a seguinte nota no O Jornal do Commercio, em 1838:

D. Nísia Floresta Brasileira Augusta tem a honra de participar ao respeitável público que ela pretende abrir no dia 15 de fevereiro próximo, na Rua Direita n. 163, um colégio de educação para meninas, no qual, além de ler, escrever, contar, coser, bordar, marcar e tudo o mais que toca à educação doméstica de uma menina, ensinar-se-á a gramática da língua nacional por um método fácil, o francês, o italiano, e os princípios mais gerais da geografia. Haverá igualmente neste colégio mestres de música e dança. Recebem-se alunas internas e externas. A diretora, que há quatro anos se emprega nesta ocupação, dispensa-se de entreter o respeitável público com promessas de zelo, assiduidade e aplicação no desempenho dos seus deveres, aguardando ocasião em que possa praticamente mostrar aos pais de família que a honrarem com a sua confiança, pelos prontos progressos de suas filhas, que ela não é indigna da árdua tarefa que sobre si toma. Todavia não pode deixar de advertir que, sendo a cadeira de francês imediatamente dirigida por ela, muito se devem aproveitar as educandas da vantagem que têm de poderem no trato escolar exprimirem-se nesse idioma, o que certamente muito concorrerá para o seu adiantamento. (Commercio, 1838, p. 4).

Fundamentado nesta notícia, podemos perceber que o currículo ofertado pelo Colégio Augusto à suas alunas, incluía disciplinas que até então não eram comumente ofertadas nem para meninos. Com base no que diz a lei de 15 de outubro de 1827:

Art 6º Os Professores ensinarão a ler, escrever as quatro operações de arithmetica, pratica de quebrados, decimaes e proporções, as nações mais geraes de geometria pratica, a grammatica da lingua nacional, e os principios de moral chritã e da doutrina da religião catholica e apostolica romana, proporcionandos á comprehensão dos meninos; preferindo para as leituras a Constituição do Imperio e a Historia do Brazil.

Art 11º **Haverão escolas de meninas nas cidades e villas mais populosas**, em que os Presidentes em Conselho, julgarem necessario este estabelecimento.

Art 12º As mestras, **além do declarado no art 6º, com exclusão das noções de geometria e limitando a instrução da arithmetica só as suas quatro operações, ensinarão tambem as prendas que servem á economia domestica; e serão nomeadas pelos Presidentes em Conselho, aquellas mulheres, que sendo brasileiras e de reconhecida honestidade**, se mostrarem com mais conhecimentos nos exames feitos na fórmula do art. 7º. (BRASIL, 1827, grifo nosso).

A lei de 15 de outubro de 1827, a primeira do Brasil a tratar da Educação, em todos os níveis, deixava claro o currículo a ser ofertado. Nota-se que, para as meninas, há a exclusão das noções de geometria, limitando o ensino de aritmética às mesmas apenas das quatro operações, também há a inclusão de prendas para economias doméstica. Todas estas informações em nada destoam da condição da mulher daquela época, quando as mesmas tinham suas vidas voltadas ao seio doméstico, tendo como guias de seus destinos homens, fossem pai, marido ou filhos². Nísia Floresta, em Opúsculo Humanitário, fez um apelo para a melhoria das condições educacionais das mulheres:

Povos do Brasil, que vos dizeis civilizados! Governo, que vos dizeis liberal! Onde está a doação mais importante dessa civilização, desse liberalismo? Temos já transposto metade do século XIX, século marcado pelo Eterno para nele revelar ao homem estupendos segredos da ciência tendentes a aplainar as grandes dificuldades, que se opõe a universalidade do aperfeiçoamento das ideias, em ordem a fraternizar todos os povos da terra. Temos testemunhado o empenho dos homens pensadores das nações cultas em harmonizar a educação da mulher com o grandioso porvir que se prepara à humanidade! **Nada, porém, ou quase nada temos visto fazer-se para remover os obstáculos que retardam os progressos da educação das nossas mulheres, a fim de que elas possam vencer as trevas que lhes obscurecem a inteligência, e conhecer as doçuras infinitas da vida intelectual, a que têm direito as mulheres de uma nação livre e civilizada.** (Floresta, 2019. p.42, grifo nosso).

Nota-se claramente que Floresta não somente faz um apelo aos povos e governantes do Brasil, mas, também, põe em xeque os discursos de liberalismo pronunciados por tal governo, uma vez que sua conduta negligenciadora com a

² Para saber mais, leia o artigo: VIDAL, Diana Gonçalves; DE FARIA FILHO, Luciano Mendes. Reescrevendo a história do ensino primário: o centenário da lei de 1827 e as reformas Francisco Campos e Fernando de Azevedo. Educação e Pesquisa, v. 28, n. 1, p. 31-50, 2002.

educação das mulheres vai de encontro com as visões liberais da vividas e entendidas por outras nações na mesma época.

Como deve-se ter notado, o Colégio fundado por Nísia Floresta recebeu o nome de Colégio Augusto, homenagem feita a seu falecido marido Augusto, que como relatado anteriormente, havia morrido pouco tempo antes da futura diretora abrir o seu Colégio, que seria, vale salientar, um passo inicial do acesso feminino à uma educação de qualidade, que visasse mais que os trabalhos de agulha e a educação familiar.

Mesmo o Colégio Augusto sendo inaugurado 15 anos após a supracitada lei, pouco havia avançado nos ensinamentos ofertados pelas escolas da época, assim, reafirmar que o currículo do referido Colégio foi inovador para a época, não é errado. Ensinar, para meninas, gramática da língua nacional, francês, italiano e os princípios mais gerais da geografia, matérias que sobrepunha às exigências reais. Seu notório ensino foi pauta do Jornal do Commercio, onde houve matéria que dava ênfase aos exames prestados pelas alunas de Floresta, no ano de 1841, fala sobre o despertar das famílias ao perceber, naquele momento, que suas filhas precisam mais do que aprender os trabalhos de agulha.

Já os pais de famílias felizmente se desenganarão de que a educação de suas filhas não se limita aos trabalhos materiais da agulha, mas deve estender-se a aperfeiçoar-lhes a inteligência, distintivo o mais nobre da espécie humana (COMMERCIO, 1841, p. 2).

O mesmo jornal, linhas à frente, falava das idades das meninas que estariam prestando o exame, entre 10 e 12 anos, e se admirava ao constatar que, muito provavelmente, alunas mais velhas de outras escolas não seriam habilitadas a reger tão bem a da “gramática da difícil e rica língua portuguesa”. Neste ponto, nota-se a qualidade de ensino do Colégio Augusto, se comparado à outras instituições da época.

Para Nísia Floresta, a educação das mulheres devia ser equiparada a dos homens, pois em nada seus aspectos cognitivos se diferiam. Logo, não existia motivos para que a educação das mulheres fosse negligenciada. Tudo isso, ao que

parece, era colocado em prática com suas alunas. Se esforçar para que estas aprendessem e estivessem no mesmo nível que os homens. Ainda segundo o mesmo jornal, as alunas prestaram exames de: Gramática, Francês, História do Brasil, Aritmética, Inglês, Geografia astronômica, física e política. Abrimos uma observação para falar dos exames de aritmética, pois estes, segundo consta, não se limitou as quatro operações, que era o ensinado para as meninas naquela época, mas se aprofundou em dígitos e frações. Embasando essas palavras, citamos Constância Duarte (2019), onde a mesma defende que a pedagogia nísiana partia do pressuposto de que a mulher merecia um ensino de qualidade, inclusive conhecer disciplinas que eram reservadas apenas aos meninos, como Latim, História e Ciência.

Dizer que a educação promovida por Nísia, por meio de seu colégio, era inovadora, não só por propiciar educação de qualidade para as meninas daquela época, mas também por ensinar através de métodos pouco convencionais para aquela época, não seria exagero, segundo Marga J. Ströher e col. O ensino das línguas era “direto”, isto é, usava-se exclusivamente a segunda língua na sala de aula, “sem nenhuma influência da língua materna.

Com isso, Nísia dizia à sociedade que, sim, as mulheres podiam aprender as mesmas coisas que homens. Não podemos deixar passar o fato das alunas estudarem geografia política. Ora, é conhecido que Nísia, além de uma lutadora dos direitos das mulheres, também, abertamente, era abolicionista e defendia os direitos dos indígenas. Exemplo disso pode ser percebido em seu Poema, A lágrima de um Caeté, de 1849, onde a autora denunciava todo sofrimento que os povos indígenas passavam naqueles tempos, em que nos pese as semelhanças ainda com nossos dias.

Com base neste fato, não é de surpreender que suas alunas tivessem acesso a um conteúdo mais reflexivo sobre muitas das condições que o Brasil estava inserido naquela época.

Não se pode negligenciar a informação de que, muito provavelmente, as alunas do Colégio de Floresta eram abastadas, ou seja, vinham de famílias ricas,

que eram minoria de nossa sociedade. O privilégio de acesso a esta educação fica claro nas palavras Duarte:

Segundo o exemplar do Estatuto do Colégio Augusto, que Henrique Castriciano chegou a possuir, os preços eram relativamente altos, se comparados aos de outras escolas: alunas internas, 20\$000; semi-internas, 10\$000; e externas, 4\$000. Cada interna deveria ter sua bacia de rosto e vaso de noite, entre outros apetrechos, e as externas deviam portar seus livros e cadeiras. O estatuto previa também as punições para as que não cumprissem o regulamento (DUARTE, 2019, p. 65).

11

Apesar deste fato, não podemos esquecer que, mesmo para as mulheres dessa pequena parcela de nossa sociedade, a educação era algo difícil de se galgar e alcançar, já que a sociedade patriarcal as enxergava apenas como uma extensão do lar. Assim, não existia a necessidade de se desperdiçar tempo com essas, pois muito provavelmente suas cabeças não comportariam os ensinamentos mais elaborados dados aos homens.

Para muitos, esse ensino era considerado como uma perda de tempo e recursos, evidenciando tal fato, o Jornal Mercantil publicou, sobre o Colégio Augusto, em 12 de julho de 1847, a seguinte nota “[...] trabalhos de língua não faltaram; os de agulha ficaram no escuro. Os maridos precisam de mulher que trabalhe mais e fale menos”. Nota-se, na publicação em questão, o lugar que a sociedade esperava que as mulheres ocupassem, e este não era certamente uma sala de aula, mas dentro das casas de seus maridos, desenvolvendo suas atividades de “rainha do lar”.

A expressão “Os maridos precisam”, reforçava o discurso da época, a partir do qual, a mulher estava para servir seu marido, nada mais. Portanto, não haveria motivos para ampliar sua educação. Daí, a insatisfação que o ensino do Colégio causava em parte das pessoas.

4. Considerações finais

Ao término deste trabalho, sentimos a necessidade de expansão da pesquisa tendo acesso, principalmente, a mais fontes sobre o Colégio Augusto,

passo que pretendemos desenvolver mais adiante. Isso nos possibilitará compreender melhor o cotidiano do Colégio, suas práticas e como as ideias de Nísia Floresta repercutiam naquela instituição.

Sabemos da existência de tal documentação no estado do Rio de Janeiro. E diante disso, os passos seguintes da nossa investigação estão voltados ao seu acesso, análise e escrita de outros trabalhos voltados especificamente àquela instituição escolar e à educação feminina.

Temos consciência do caráter inicial desta pesquisa, mas também da relevância de apresentá-la e discuti-la, visto que ainda há muito a ser refletido sobre o alcance e a repercussão das ideias de Nísia Floresta. Mulher, potiguar, mãe, professora, intelectual e tanto mais. Todas essas interfaces compõem e ajudam-nos a entender o pensamento daquela mulher em pleno XIX, imersa em sua sociedade patriarcal, segregacionista e masculina, identificando os caminhos traçados para fazer-se ouvir, mesmo que nem sempre provocando os melhores, ou mais confortáveis comentários.

12

REFERÊNCIAS

ABERTURA DO COLÉGIO AUGUSTO. **Jornal do Commercio**. Rio de Janeiro, 31 de jan. de 1838. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_02&Pesq=N%c3%adia%20Floresta&pagfis=9731. Acesso em: 04 ago. 2020.

BRASIL. **Lei de 15 de outubro de 1827**. Manda crear escolas de primeiras letras em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos do Império. Rio de Janeiro: Chancellaria-mór do Imperio do Brazil. [1827]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/LIM..-15-10-1827.htm#:~:text=LEI%20DE%2015%20DE%20OUTUBRO,lugares%20mais%20populosos%20do%20Imp%C3%A9rio.&text=1%C2%BA%20Em%20todas%20as%20cidades,Art.. Acesso em: 07 ago. 2020.

CASTRO, Amanda Mota Angelo; ALBERTON, Mirele; EGGERT, Edla. Nísia Floresta a mulher que ousou desafiar sua época: Feminismo e Educação. In: **VIII Congresso Iberoamericano de Ciência, Tecnologia e Gênero**. [S.l.: s.n], 2010.

CAMPOI, Isabela Candeloro. O livro “Direitos das mulheres e injustiça dos homens” de Nísia Floresta: literatura, mulheres e o Brasil do século XIX. **História**, v. 30, n. 2, p. 196-213, 2011.

COMMUNICADO. **Jornal do Commercio**. Rio de Janeiro, 24 de dez. de 1841.

Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=364568_03&pasta=ano%20184&pesq=N%C3%ADsia%20Floresta&pagfis=2716. Acesso em: 04 ago. 2020.

DEL PRIORE, M. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2018.

DUARTE, Constância Lima. #Nísia Floresta presente: uma brasileira ilustre. Natal: Mariana Hardi, 2019.

DUARTE, Constância Lima. **Nísia Floresta**: vida e obra. Natal: UFRN. Ed. Universitária, 1995.

DUARTE, Constância Lima. **Nísia Floresta**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco. Ed. Massangana, 2010.

FLORESTA, Nísia. **Opúsculo humanitário / Nísia Floresta**; prefácio Maria da Conceição Lima Alves; notas Maria Helena de Almeida Freitas, Mônica Almeida Rizzo Soares. – Brasília: Senado Federal, 2019. 119 p.

PERROT, M. **Os excluídos da História**, operários, mulheres e prisioneiros. São Paulo: Paz e Terra, 2017.

PINSKY, C.; PEDRO, J. M. **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012.

STRÖHER, J. Marga; DEIFELT, Wanda; MUSSKOPF, S. André. **À flor da pele**: ensaios sobre gênero e corporeidade. São Leopoldo, RS: Sinodal; CEBI, 2017.

VIDAL, Diana Gonçalves; DE FARIA FILHO, Luciano Mendes. Reescrevendo a história do ensino primário: o centenário da lei de 1827 e as reformas Francisco Campos e Fernando de Azevedo. **Educação e Pesquisa**, v. 28, n. 1, p. 31-50, 2002.

ⁱ **Allcydet Andreza Pereira Jota**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3085-2311>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Graduanda em Pedagogia na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Bolsista do projeto de extensão do Cursinho do DCE, coordenação pedagógica. Estagiária do colégio Contemporâneo, anos iniciais. Membro do projeto de extensão Gatinhos da UFRN, equipe socioambiental. Técnica em Meio Ambiente pelo IFRN - Instituto Federal do Rio Grande do Norte (2002). Possui Curso de Francês Básico.

Contribuição de autoria: Primeira escrita.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2178382812753218>

E-mail: allcyjota@gmail.com

ii **Olivia Morais de Medeiros Neta**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4217-2914>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Possui doutorado em Educação, mestrado em História e graduação em História (Licenciatura e Bacharelado) pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. É professora do Centro de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e atua como professora-orientadora no Programa de Pós-Graduação em Educação (UFRN) e no Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN).

Contribuição de autoria: Revisão.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7542482401254815>

E-mail: olivianeta@gmail.com

iii **Aliny Dayany Pereira de Medeiros**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8998-2343>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Professora do Departamento de Práticas Educacionais, na área de Didática e Ensino de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (DPEC/UFRN), Campus Natal. Doutora em Educação (PPGED/UFRN). Mestra em História (PPGH/UFRN) e graduada em História (UFRN).

Contribuição de autoria: Edição.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2481333551162411>

E-mail: alinydayany@gmail.com

Editora responsável: Karla Colares Vasconcelos

Como citar este artigo (ABNT):

PEREIRA JOTA, Allcydet Andreza; MEDEIROS NETA, Olivia Morais de; MEDEIROS, Aliny Dayany Pereira de. Nísia Floresta e a educação feminina no Brasil (Século XIX). **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 1-14, 2020.